

REFLEXÕES SOBRE *MACUNAÍMA*, DE MÁRIO DE ANDRADE, À LUZ DO CONCEITO DE PENSAMENTO LIMINAR

Francine Bystronski Puchalski*

RESUMO: O objetivo deste trabalho é realizar uma análise parcial de *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, sob a perspectiva de alguns temas tratados por Mignolo em *Histórias locais, projetos globais* (2003). A proposta é pensar de que forma uma obra da literatura brasileira reflete os dilemas da condição “subalterna” e “marginal” de países da América Latina, como o Brasil, diante do paradigma do pensamento eurocêntrico. Considerando os conceitos de pensamento liminar, de modernidade e colonialidade (MIGNOLO, 2003), esta análise se dará em duas etapas. Inicialmente serão feitas considerações sobre como o enredo retrata as tensões entre o colonizado (brasileiro) e o colonizador (europeu), levando em conta a narrativa contestadora dos padrões tradicionais e a linguagem adotada na obra. Em seguida se fará uma análise do capítulo intitulado “Carta pras icamiabas”, percebendo como a escolha da expressão linguística revela uma resistência epistêmica à linguagem convencional do português europeu, e de como são satirizadas e negadas as disposições civilizatórias de uma lógica racionalizadora. Dessa forma, busca-se compreender a abordagem de Mignolo juntamente com as questões levantadas em *Macunaíma* sobre a afirmação das formas de pensamento latino-americanas/brasileiras, resistentes a um único modelo (ocidental) de conhecimento.

Palavras-chaves: Macunaíma. Pensamento liminar. Literatura Brasileira. Linguagem.

ABSTRACT: The aim of this paper is to perform a partial analysis of *Macunaíma* (1928), by Mário de Andrade, from the perspective of some subjects covered by Mignolo in *Histórias locais, projetos globais* (2003). The idea is to understand how a Brazilian literary work reflects the dilemmas of the "subaltern" and "marginal" condition of Latin American countries like Brazil, on the scenario of the Eurocentric thought standards. Considering border thinking, modernity and coloniality concepts (MIGNOLO, 2003), this analysis will be done in two steps. Initially it will be made some considerations about how the plot depicts the tensions between the colonized (Brazilian) and the colonizer (European), taking into account the questioning narrative against traditional patterns and the language adopted in the work. Then it will be studied the chapter entitled "Cartas pras icamiabas", realizing in which way the choice of linguistic expression reveals an epistemic resistance to conventional language of European Portuguese, and how the civilizing tendencies of a rationalizing logic are satirized and denied. Thus, we seek to comprehend Mignolo's approach along with the issues raised in *Macunaíma* about the affirmation of the Latin American/ Brazilian ways of thought, resistant to an only form of knowledge (Western's).

Keywords: Macunaíma. Border Thinking. Brazilian Literature. Language.

Introdução

Desde os seus primórdios, a produção literária no Brasil teve de enfrentar a consequência de ser uma literatura importadora dos modelos europeus, sendo inevitável a influência do colonizador também no campo cultural e literário. A mesma lógica é aplicada também aos demais países da América Latina, que assim como o Brasil buscaram configurar a sua literatura de uma forma nacionalista, porém sempre tendo presente a imposição dos padrões estrangeiros.

* Mestranda em Estudos Literários Aplicados pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Bolsista do CNPq. E-mail: francinebp10@gmail.com.

Em países latino-americanos desenvolveu-se o gênero do realismo mágico, que buscava voltar às origens pré-colombianas das culturas nativas, trazendo à tona a visão de mundo dos povos da América colonizada. No Brasil são proeminentes as tentativas de produzir literatura local através da figura do indígena e da exaltação da natureza, como revelam os romances românticos de José de Alencar, *Iracema* (1865) e *O guarani* (1857). Ao comentar a questão da formação da literatura brasileira, Bosi (2006) afirma:

O problema das origens da nossa literatura não pode formular-se em termos de Europa, onde foi a maturação das grandes nações modernas que condicionou toda a história cultural, mas nos mesmos termos das outras literaturas americanas, isto é, a partir da afirmação de um *complexo colonial* de vida e de pensamento. (BOSI, 2006, p. 11)

Pode-se dizer que esta problemática percorre toda a história da literatura nacional até os dias de hoje. Porém, foi durante a década de 20 no Brasil, com o surgimento de vanguardas modernistas, que se buscou criar uma fórmula de literatura tipicamente brasileira. É nesse contexto que se insere *Macunaíma*, de Mário de Andrade, obra que produz, através de sua linguagem, trama e estrutura narrativa, uma lógica de pensamento particular, provocando um deslocamento com relação ao sistema de ideias racionalizador e civilizatório europeu.

1 Inversão da narrativa realista clássica e a mescla de linguagens

Por meio de um relato que mistura elementos lendários, mitológicos e a variada miscigenação constitutiva do povo brasileiro, Mário de Andrade produziu uma obra que buscou caracterizar o Brasil em sua multiplicidade étnica e linguística. A peculiaridade de *Macunaíma* encontra-se especialmente na maneira como combate a forma do romance realista clássico, e seu gênero é classificado por Mário como “rapsódia”, composição musical que mistura lendas folclóricas e que não possui uma estrutura fixa.

Assim, a obra alia elementos ao mesmo tempo primitivos e modernos, trazendo termos da oralidade indígena e popular para o plano da narrativa. Os movimentos vanguardistas surgidos a partir da década de 20 no Brasil, com o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924) e com a *Revista de Antropofagia* (1928), em que estavam envolvidos Oswald de Andrade e o próprio Mário de Andrade, impulsionaram essa inserção dos fundamentos pré-coloniais brasileiros no âmbito literário, tratados de forma estética e ideológica. Nesse contexto de regresso às fontes nacionalistas e primitivas, Bosi (2003) revela que:

Algo de comum ou, mais precisamente, de analógico, vai-se articulando entre esse universo, colonizado e oprimido havia séculos, e as novas estéticas cujo horizonte de sentido era a denegação da mente racionalizadora imposta ao planeta inteiro desde que se consolidara o modo de viver e pensar capitalista. Nessa rede de afinidades entende-se o veio neo-indianista e neofolclórico do Modernismo brasileiro. (BOSI, 2003, p. 192)

Considerando a maneira como as relações entre colonizadores e colonizados desdobram-se até a contemporaneidade, Mignolo (2003) utiliza-se dos termos modernidade e colonialidade como faces de uma mesma moeda. Nas palavras do escritor argentino, “a modernidade não é um período histórico, mas a autonarração dos atores e instituições que, a partir do Renascimento, conceberam-se a si mesmos como o centro do mundo” (MIGNOLO, 2013)¹. Nesse sentido, os triunfos da modernidade ocidental não podem ser concebidos sem o seu “lado negro”, ou seja, o lado da colonialidade, que se configura não apenas como a dominação econômica de povos e nações, mas também de cultura e de formas de pensamento.

Segundo Mignolo (2013), a hegemonia europeia e a condição subalterna de outras partes do globo, nesse caso, dos países latino-americanos, produz a “diferença colonial”, que implica:

(...) a transformação da diferença cultural em valores e hierarquias: raciais e patriarcais, por um lado, e geopolíticas, pelo outro. Noções como “Novo Mundo”, “Terceiro Mundo”, “Países Emergentes” não são distinções ontológicas, ou seja, provém de regiões do mundo e de pessoas. São classificações epistêmicas, e quem classifica controla o conhecimento. (MIGNOLO, 2013)

Essas questões são consideradas por Mignolo na virada do século XX para o século XXI, trazendo para a atualidade as marcas históricas do passado colonial e do domínio europeu, que continuam vigorando na forma de compreender-se o sistema-mundo. No plano da literatura, no entanto, tais questões foram tratadas de diferentes formas, geralmente levando-se em conta a afirmação do nacional em oposição ao que vem do estrangeiro, em uma tentativa de construir as raízes de uma nação e cultura a partir de dentro. Considerando *Macunaíma* como um exemplo dessa afirmação e ao mesmo tempo resistência, Bosi (2003) destaca um dos objetivos de Mário de Andrade ao escrever a rapsódia:

¹ MIGNOLO, Walter. Decolonialidade como o caminho para a cooperação. In: _____. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Ano XIII. ed. n. 431. Tradução de André Langer. São Leopoldo: IUH online, 2013. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5253&secao=431> Acesso em: 10 jul. 2016.

(...) o desejo não menos imperioso de pensar o povo brasileiro, *nossa gente*, percorrendo as trilhas cruzadas ou superpostas da sua existência selvagem, colonial e moderna, à procura de uma identidade que, de tão plural que é, beira a surpresa e a indeterminação; daí ser o herói sem nenhum caráter. (BOSI, 2003, p. 188)

Apesar da marcada nacionalidade presente em *Macunaíma*, vale destacar algumas características que a obra herdou das literaturas de origem europeia. O enredo é composto de início, meio e fim, começando pelo nascimento do herói Macunaíma e terminando com a sua morte e subida ao céu, quando se torna a constelação da Ursa-Maior. Já o miolo da história narra as tentativas do herói de reaver a muiraquitã, amuleto perdido que recebeu da índia Ci, Mãe do Mato, uma de suas tantas companheiras ao longo da jornada. Assim como em qualquer trajetória de herói, Macunaíma deve passar por diversos perigos: mudar, vencer e perder. Além disso, a procura da muiraquitã lembra a demanda pelo Santo Graal e o percurso de heróis que passaram por perigos e lutas para encontrar um objeto perdido ou tesouro.

No entanto, a diferença de *Macunaíma* para os romances tradicionais está na forma satírica com que subverte os temários do imaginário europeu e como retrata o multifacetado quadro brasileiro através da personagem-título. Nesse sentido, a obra configura-se como uma insubordinação aos acontecimentos ordenados, rompendo com o conhecimento padrão do leitor sobre narrativas e instaurando a mistura de linguagens. Transformações de pessoas em animais, plantas, objetos inanimados ou astros celestiais e vice-versa são um aspecto da rapsódia em que transparece a sua não adesão a um modelo ocidental (no sentido lógico-realista) de contar histórias. Tudo isso ocorre, no entanto, sem que a coerência interna da narrativa seja afetada. A maneira com que se dá a morte da mãe de Macunaíma ilustra bem a presença de tais situações:

Essa eu caço! Ele fez. E perseguiu a viada. Esta escapuliu fácil mas o herói pôde pegar o filhinho dela que nem não andava quase, se escondeu por detrás duma carapanaúba e cotucando o viadinho fez ele berrar. A viada ficou feito louca, esbugalhou os olhos parou turtuveou e veio vindo veio vindo parou ali mesmo defronte chorando de amor. Então o herói flechou a viada parida. Ela caiu esperneou um bocado e ficou rija estirada no chão. O herói cantou vitória. Chegou perto da viada olhou que mais olhou e deu um grito, desmaiado. Tinha sido uma peça do Anhangá... Não era viada, não, era a própria mãe tapanhumas que Macunaíma flechara e estava morta ali, toda arranhada com os espinhos das tiraras e madacarus do mato. (ANDRADE, 2008, p. 26-27)

Este episódio, que pode causar estranhamento no leitor, é explicado pela mitologia tupi, em que os espíritos dos mortos (chamados Anhangá) voltavam para atormentar os vivos, especialmente

na figura de um veado, por isso a confusão de Macunaíma ao assassinar a própria mãe. Porém, a presença de metamorfoses bizarras na obra nem sempre é seguida de alguma razão, mesmo que estranha, seja física ou espiritual, surgindo apenas como algo espontâneo e natural dentro da lógica da narrativa, como mostram as transformações súbitas de Macunaíma para o plano animal e vegetal, voltando ao estado humano posteriormente:

No outro dia os manos foram pescar e caçar, a velha foi no roçado e Macunaíma ficou só com a companheira de Jiguê. Então ele virou formiga quenquém e mordeu Iriqui pra fazer festa nela. Mas a moça atirou a quenquém longe. Então Macunaíma virou num pé de urucum. A linda Iriqui riu, colheu as sementes se faceirou toda pintando a cara e os distintivos. Ficou lindíssima. Então Macunaíma, de gostoso, virou gente outra feita e morou com a companheira de Jiguê. (ANDRADE, 2008, p. 26)

Esses momentos configuram-se também pela ausência de convenções espaciais e temporais, pois o protagonista percorre diversos lugares do Brasil e da América Latina como se fosse “dar uma voltinha” (ANDRADE, 2008, p. 26), passando, por exemplo, por São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Bolívia e Venezuela de um momento ao outro, como quando foge de Venceslau Pietro Pietra, o “gigante comedor de gente” que detém a muiraquitã. Todos os personagens estão configurados a partir desse hibridismo e da fuga das convenções realistas, tendo como estágio final a transformação em constelações. Da mesma forma as plantas, os animais, os objetos inanimados e os astros celestes também são personificados, rompendo as fronteiras entre uma forma de ser e outra.

Por sua vez, no plano da forma narrativa, a linguagem da rapsódia é um dos principais pontos que ilustram o rompimento com um sistema fixo, ordenado e homogêneo de pensamento, pois a língua é apresentada na sua heterogeneidade, pluralidade e fluidez, transgredindo inclusive as barreiras entre a linguagem falada e escrita, exposta na sua forma coloquial e não convencional. O texto por vezes torna-se de difícil leitura por conta da quantidade de termos que podem ser desconhecidos para o leitor, seja pelos nomes dos animais e vegetação de lugares específicos do país, seja pelo vocabulário indígena:

Então Macunaíma quis se divertir um pouco. Falou pros manos que inda tinha muita piaba muito jeju muito matrinxão e jatuaranas, todos esses peixes do rio, fossem bater timbó. (...)
(...) Foram. A margem estava traiçoeira e nem se achava bem o que era terra o que era rio entre as mamoranas copadas. Maanape e Jiguê procuravam procuravam enlameados até os dentes, degradingolando jugue! Nos barreiros ocultos pela inundação. E pulapulavam se

livrando dos buracos, aos berros, com as mãos para trás por causa dos candirus safadinhos querendo entrar por eles. (ANDRADE, 2008, p. 21)

Por intermédio de elementos que resgatam a visão de mundo dos povos pré-colonizados, da afirmação de traços tipicamente brasileiros, tais como a fala múltipla e coloquial, *Macunaíma* transcende uma forma única de pensar e produzir literatura. Assim, pode-se dizer que a obra possui características do que Mignolo (2003) chama de pensamento liminar:

O pensamento liminar, dentro da minha argumentação, é a necessidade básica da epistemologia subalterna e da reflexão que ultrapasse as dicotomias produzidas pelo “ocidentalismo” como o imaginário dominante no sistema mundial colonial/moderno. (MIGNOLO, 2003, p. 285)

O pensamento liminar define-se, portanto, como uma alternativa de conhecimento fora das tradições e padrões hegemônicos. Pode ser entendido como uma resistência epistêmica à soberania ocidental e como uma voz que enuncia, a partir de dentro, as nações “subalternas” colonizadas, como a América Latina e, neste caso, o Brasil.

Nessa direção, o conhecimento produzido pela leitura de *Macunaíma* leva a pensar de que maneira, através da produção cultural e literária, autores como Mário de Andrade possuíam a ideia internalizada de que era necessário manifestar o impasse causado pelo sistema colonial, no qual uma única perspectiva (a do colonizador) deveria prevalecer sobre as outras (do colonizado). Uma fala de *Macunaíma* ilustra mais claramente o problema do impasse:

Tirou as calças pra refrescar e pisou em cima. A raiva se acalmou no sufragante e até que muito satisfeito *Macunaíma* falou pros manos:
-Paciência, manos! Não! Não vou na Europa não. Sou americano e meu lugar é na América. A civilização europeia na certa esculhamba a inteireza do nosso caráter. (ANDRADE, 2008, p. 144)

Neste trecho percebe-se a rejeição de *Macunaíma* a qualquer tentativa de subjugar o seu temperamento às feições europeias. Certamente há uma ironia com a palavra “caráter”, pois pelo subtítulo sabe-se que o protagonista é “sem nenhum caráter”. Entretanto, é possível dizer que apesar da falta de personalidade definida do “herói de nossa gente”, é preferível manter-se afastado das influências europeias, pois essas “esculhambariam”, estragariam o que constitui a identidade da América, mesmo que essa identidade ainda esteja à procura de estabelecer suas raízes e seus fundamentos próprios.

É interessante observar que ao invés de utilizar o Brasil para referir-se ao seu local de origem, *Macunaíma* considera-se americano, permitindo inferir que, mais do que o Brasil, a

América toda padece do mesmo problema: a imposição do modo de ser e de pensar eurocêntrico. Em *Macunaíma*, pois, o pensamento liminar encontraria-se especialmente nessa resistência a adaptar-se às concepções ocidentais de conhecimento. É necessário, contudo, destacar mais pontualmente o tom satírico com que a obra reflete as tensões entre Europa e América/Brasil, ressaltando as contradições entre uma linguagem “pura” e “impura” e entre civilização e primitivismo.

2 A “carta pras icamiabas” e a ironia das pretensões ocidentais

O capítulo intitulado “Carta pras icamiabas” diferencia-se do resto da narrativa, pois constitui uma suspensão do texto transgressivo e do estilo linguístico adotado, podendo ser classificado como a síntese satírica de toda a obra. Neste capítulo, Macunaíma redige uma carta endereçada para as índias amazonas, chamadas pelos indígenas de “icamiabas”, na qual relata suas aventuras e seu desejo de reaver a muiraquitã, amuleto produzido pela índia icamiaba Ci, Mãe do Mato. A partir do início do capítulo é possível perceber a mudança no tom narrativo pela forma linguística assumida por Macunaíma:

Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura dessa missiva. Cumprenos, entretanto, iniciar estas linhas de saudade e muito amor, com desagradável nova. É bem verdade que na boa cidade de São Paulo – a maior do universo, no dizer de seus prolixos habitantes – não sois conhecidas por “icamiabas”, voz espúria, sinão que pelo apelativo de Amazonas; e de vós, se afirma, cavalgades ginetes belígeros e virdes da Hélade clássica; e assim sois chamadas. Muito nos pesou a nós, Imperator vosso, tais dislates da erudição, porém heis de convir conosco que, assim, ficais mais heroicas e mais conspícuas, tocadas por essa plátina respeitável da tradição e da pureza antiga. (ANDRADE, 2008, p. 97)

No folclore brasileiro, as icamiabas seriam uma tribo de índias composta de mulheres guerreiras sem a presença dos homens. Esta tribo teria dado origem à lenda das Amazonas, nome preferido pelos homens “civilizados”, ao invés do termo tupi “icamiaba”. Assim, além da mudança na forma narrativa, percebe-se igualmente a crítica irônica de Macunaíma a partir da escolha no uso dos termos, que buscam adaptar-se a uma maneira “erudita” de expressão. Destaca-se igualmente a menção à Hélade clássica, reduto da filosofia e cultura ocidentais, pressupondo-se uma crítica velada de que o que é brasileiro, para ter valor, precisa ser reportado ao que é clássico, europeu, tradicional e “puro”.

A questão da pureza/impureza da língua é um dos temas centrais salientados no capítulo e o principal alvo da sátira contestadora da narrativa. Sobre essa questão, Mignolo descreve o que seria o processo de “linguajamento”, caracterizado como “o ato de pensar e escrever entre línguas” (MIGNOLO, 2003, p. 309). É necessário, entretanto, compreender inicialmente a conjuntura a partir da qual Mignolo entende a prática do linguajamento ou bilinguajamento, para situá-la no plano narrativo de *Macunaíma*:

(...) enquanto o imaginário do sistema mundial moderno se detinha em fronteiras, estruturas e o estado-nação como espaço dentro de fronteiras com uma língua nacional, linguajamento e bilinguajamento, como condição do pensamento liminar a partir da diferença colonial, abre-se para um imaginário pós-nacional. Consequentemente, no quadro mais amplo do sistema mundial moderno, o pensamento liminar é pós-ocidental e pós-colonial na história da política da língua. (MIGNOLO, 2003, p. 344)

Levando-se em conta o contexto que envolve o linguajamento/bilinguajamento, e que esta prática é considerada um estilo de vida, um problema existencial e politicamente dramático (MIGNOLO, 2003, p. 359) pode-se dizer que o conceito não se aplique da mesma maneira à linguagem de *Macunaíma*, que se constitui mais por uma afirmação do caráter nacional da língua do que pela elaboração de um imaginário pós-nacional, como fala Mignolo. No entanto, é inegável que o elemento linguístico surge na rapsódia como uma forma de resistir à dominação cultural europeia e validar as expressões e os conhecimentos produzidos no cenário latino-americano brasileiro, sendo, portanto, um modo de pensamento liminar do qual fala o autor.

É possível entender o “linguajamento” de *Macunaíma*, pois, como um pensar e escrever entre os limites da linguagem falada e escrita, entre a língua portuguesa e a língua tupi. Esse “linguajamento” é apresentado num tom satírico, a partir do qual se sobressai a crítica à pureza da linguagem, ilustrada pelo artificialismo de uma escrita erudita que preza pela correção gramatical. O contraste entre uma forma de expressão e outra é ironizada pelo protagonista que, na tentativa de escrever corretamente e utilizar um estilo pomposo, mistura termos incorretos ortograficamente e oriundos da fala coloquial:

Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra. Assim chegado a estas plagas hospitalares, nos demos ao trabalho de bem nos inteirmos da etnologia da terra, e dentre muita surpresa e assombro que se nos deparou, por certo não foi das menores tal originalidade linguística. Nas conversas utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes, e

também nas vozes do brincar. (...) Mas si de tal desprezível língua se utilizam na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliana, no dizer dum panegerista, meigo idioma, que, com imperecível galhardia, se intitula: língua de Camões! (ANDRADE, 2008, p 107-108)

A “língua de Camões” é ironizada pelo personagem ao propor uma mudança no nome “Mato Virgem” para “Mata Virgem”, pois seria “mais condizente com a lição dos clássicos” (ANDRADE, 2008, p. 103). A sátira transparece na obra justamente por Macunaíma apresentar, no plano das ações e da personalidade, um deslocamento com relação a essa concordância aos clássicos e a qualquer tentativa de civilizar-se. Macunaíma não se adapta ao que a civilização lhe propõe, e nesse sentido encontra-se o outro alvo da crítica irônica que transparece da carta pras icamiabas.

Durante toda a história surgem situações em que o protagonista infringe leis de comportamento social, agindo de acordo com seus impulsos e disposições particulares. O personagem “rouba” todas as mulheres de seu irmão Jiguê, metamorfoseando-se em diversos seres e mudando de companheira conforme vão surgindo, o que aponta para o seu temperamento errante, incapaz de manter-se por muito tempo na mesma condição. A mesma índole antissocial é demonstrada com relação a Venceslau Pietro Pietra, o peruano descendente de italianos e colecionador de objetos. Para recuperar a muiquitã, Macunaíma realiza uma macumba, na qual Venceslau surge na figura de Exu e é duramente espancado pelo protagonista. Enfim, tudo nas atitudes e na personalidade de Macunaíma indica um movimento de desordem, uma não adaptação aos meios impostos pela organização social.

A “Carta pras icamiabas” apresenta algumas passagens que satirizam as leis civilizatórias. Ao cogitar a mudança do vocábulo “Mato” para “Mata”, Macunaíma destaca o elemento linguístico que distingue duas formas de ser e estar no mundo, uma bárbara e primitiva, situada nas florestas, e a outra civilizada e organizada socialmente, localizada nas grandes metrópoles. Dessa forma, o personagem propõe, ironicamente, uma adaptação aos mecanismos mais avançados do desenvolvimento urbano:

Como vedes, assaz hemos aproveitado esta demora na ilustre terra bandeirante, e si não descuidamos do nosso talismã, por certo que não poupamos esforços nem vil metal, por aprendermos as coisas mais principais desta eviterna civilização latina, por que iniciemos, quando for do nosso retorno ao Mato Virgem, uma série de melhoramentos, que, muito nos facilitarão a existência, e mais espalhem nossa prosápia de nação culta entre as mais cultas do Universo. E por isso agora vos diremos algo sobre esta nobre cidade, pois que

pretendemos construir uma igual nos vossos domínios e Império nosso. (ANDRADE, 2008, p. 103)

Macunaíma refere-se à cidade de São Paulo, símbolo de uma civilização baseada no sistema da “ordem e do progresso”. Nessa direção há também ironia com relação à maneira como os homens “civilizados” tratam as mulheres, e como essas, para buscar aprovação e distinção, copiam as modas europeias, ao contrário das Amazonas, ou Icamébas, que se encontram alheias a esse tipo de influência. O tom irônico da carta é o seu principal elemento, pois Macunaíma propõe ideias de adequação a uma cultura oposta ao conjunto das suas aventuras como “herói de nossa gente”.

Cabe ressaltar outra questão que também destoa da lógica de pensamento ocidental: o tema da religiosidade e a visão cosmológica presente na narrativa. Durante o capítulo da “macumba”, há elementos sincréticos provenientes do catolicismo, das religiões de matriz africana e de divindades tupis, marcas da religiosidade brasileira. Além desse sincretismo, é visível a presença de uma cosmologia que serve de pano de fundo à narração: o sol e a lua são personificados e os personagens tornam-se constelações e astros celestes.

Na visão mitológica de Macunaíma, “Vei, a Sol” e “Capei, a Lua” são duas entidades femininas que agem em benefício ou prejuízo dos humanos, interferindo diretamente nos acontecimentos da terra. É interessante considerar as palavras de Mignolo (2003) com relação à perspectiva cosmológica dos povos primitivos/indígenas:

Refiro-me aqui à diferença colonial, à interseção entre a metafísica ocidental e os múltiplos princípios não-ocidentais que regem os modos de pensar das histórias locais. Eles têm entrado em contato e conflito com os pensamentos ocidentais nos últimos quinhentos anos, nas Américas (...). O Sol e a Lua, nas categorias de pensamento ameríndias, não são opostos, contrários ou contraditórios, são complementares. Ampliar a desconstrução além da metafísica ocidental ou presumir que nada existe senão a metafísica ocidental seria uma jogada semelhante à dos projetos globais colonizadores, fingindo aperfeiçoar a humanidade tornando-os todos iguais. (MIGNOLO, 2003, p. 438)

Percebe-se, pois, que *Macunaíma* subverte a metafísica ocidental da qual fala Mignolo, propondo uma configuração astrológica pautada numa visão mágica do universo. Enquanto o Sol e a Lua são humanizados por meio de figuras femininas, a Constelação do Cruzeiro do Sul é negada por Macunaíma, pois o Cruzeiro (assim denominado pela metafísica grega clássica) é considerado pelo protagonista “Pauí-Pódole”, o Pai do Mutum, remetendo mais uma vez aos mitos que enformam a narrativa: “Pauí-Pódole então avoou pro céu e ficou lá. Minha gente! Aquelas quatro

estrelas não é Cruzeiro, que Cruzeiro nada! É o Pai do Mutum! É o Pai do Mutum! Minha gente!” (ANDRADE, 2008, p. 118)

Tendo essa metafísica “não-ocidentalizada” como pressuposto, Macunaíma despede-se das icamiabas na sua carta recomendando-lhes a proteção de sua companheira Ci, Mãe do Mato, líder das icamiabas e unidade transcendente do império do Mato Virgem, habitante do reino das constelações. Macunaíma seguirá o mesmo destino, quando após muitas e idas e vindas, se transformará na Constelação da Ursa-Maior.

O final da narrativa deixa transparecer certo tom de melancolia pelo impasse do não pertencimento de Macunaíma, e pode ser pensado como uma metáfora do espaço negado aos povos subalternos pelo sistema colonial/moderno, povos que se encontravam (ou ainda se encontram) às margens; nem civilizados, pois se sentem deslocados em um mundo que não é o seu, nem primitivos, pois essa opção lhes é negada pelas imposições civilizatórias. Cabe destacar, assim, as palavras de Feijó (1954) referenciadas por Mignolo (2003, p. 448), que destacam o problema de “não ser capaz de ser onde se está”, dilema definido como a condição fundamental do pensamento liminar.

Considerações finais

Transcender a diferença colonial é, no caso desta análise, mostrar como o conhecimento gerado pela leitura de *Macunaíma* vai além das dicotomias entre Europa “evoluída” e América “primitiva”, mostrando as particularidades de um povo e de uma cultura que luta por manifestar sua própria maneira de ver, sentir e pensar o mundo, ainda que seja representada pelo “herói sem nenhum caráter”. Essa maneira indefinida, no entanto, não deixa de ter sua fórmula própria, que transparece por meio dos elementos formais da narrativa e de seu conteúdo.

Assim, são vários os traços de *Macunaíma* que mostram um deslocamento com relação às imposições do sistema colonial/moderno, a começar pela configuração das personagens e do enredo, com seu hibridismo e transgressão de padrões narrativos, bem como pela falta de obediência a um projeto civilizatório por parte do protagonista.

Esse deslocamento é igualmente visualizado através da linguagem utilizada, bastante afastada de uma “pureza” vocabular e de uma unidade linguística, na qual se percebe não apenas uma simples oposição entre língua coloquial e escrita, ou entre língua portuguesa e língua falada brasileira, mas uma ruptura de fronteiras entre as diversas expressões linguísticas, que vistas no

conjunto da narrativa, podem ser pensadas como uma forma de “linguajamento”. Por fim, cabe ressaltar que tais reflexões sobre *Macunaíma* buscaram apresentar como a obra é capaz de suscitar um pensamento “a partir de um outro lugar, imaginar uma outra língua, argumentar a partir de uma outra lógica” (MIGNOLO, 2003, p. 422).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mario de. **Macunaíma**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais, projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

_____. Decolonialidade como o caminho para a cooperação. In: _____. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. Ano XIII. ed. n. 431. Tradução de André Langer. São Leopoldo: IUH online, 2013. Disponível em:
<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5253§ionid=431> Acesso em: 10 jul. 2016.

[Recebido: 06 out. 2016 – Aceito: 06 dez. 2016]